

PROBLEMAS RELATIVOS À DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA E O ENSINO DO
ESPAANHOL

Carlos Felipe da CONCEIÇÃO PINTO
Maria do Carmo da SILVA

RESUMO: Tendo em vista o grande crescimento da procura do espanhol como língua estrangeira, do seu interesse como língua de comércio e políticas de difusão desta língua, este trabalho tem a finalidade de discutir a questão da diversidade lingüística do espanhol e as implicações que causa no ensino da língua. Ou seja, apesar de ser uma língua que apresenta um alto índice de comunicabilidade, encontramos características (sejam morfossintáticas, fonético-fonológicas, semânticas ou pragmáticas) específicas de cada zona lingüística, fenômeno chamado pelos Hispanistas de “unidade na diversidade”. Portanto, se questionará que variedade lingüística deve ser adotada no momento do ensino e qual a finalidade dessa adoção. Também se discutirá o interesse do aluno por determinada variedade lingüística e a questão do *español estándar*, como foi proposto por Lope Blanch, no *II Congreso Internacional de la Lengua*, em Valladolid, Espanha (2001), contrapondo-a com outras opiniões, como a de Drago (2006), que diz respeito ao ensino da diversidade sem espanhol neutro.

Palavras-chave: Língua Espanhola, Diversidade Lingüística, Ensino de Línguas.

ABSTRACT: Considering the growth on the search of Spanish as a foreign language, its attractiveness as a trading language, the policies on spreading its use, this paper aims to discuss the Spanish linguistic diversity aspect and the implications on language teaching. Although Spanish is a language with a high communicativeness index, it is possible to find morph-syntax, phonetic-phonological, semantic or pragmatic characteristics specific from every linguistic area, phenomena called by Hispanistas as “unicity in diversity”. Therefore, which linguistic variety should be used when teaching and what will be the purpose of this choice will be questioned. Also the student’s interest on a specific linguistic variety will be discussed, and the standard Spanish matter, as it was proposed by Lope Blanch in the *II Congreso Internacional de la Lengua*, held in Valladolid, Spain in 2001 (II international language congress) contrasting this point of view with other opinions such as Drago’s (2006), who refers about diversity teaching with no neutral Spanish.

Key-words: Spanish language, Linguistic diversity, Language teaching

1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos 90, com a criação do MERCOSUL, o ensino de língua espanhola ganhou terreno no Brasil. Vêm-se desenvolvendo diversas políticas de difusão lingüística, criação de materiais didáticos adequados a estudantes brasileiros, capacitação de professores entre outros. No entanto, não podemos acreditar que o crescente número de alunos nos cursos de espanhol esteja interessado unicamente em atuar (estudar ou trabalhar, por exemplo) no MERCOSUL: do outro lado do Atlântico, um mercado muito mais atrativo (desde o ponto de vista histórico até econômico) — de “primeiro mundo” — para pessoas de países em desenvolvimento cresce a cada dia mais: a União Européia, onde o espanhol é língua oficial. Sabe-se, também, que o espanhol é falado em mais de 20 países e que é língua oficial em diversas organizações internacionais (MORENO FERNÁNDEZ 2000:16), o que aumenta as razões pelas quais estudar espanhol.

Tendo em vista a grande extensão do território onde se fala o espanhol como língua materna e/ou língua franca, vêm-nos à mente algumas perguntas como: “para que quer aprender espanhol um brasileiro?” e “que variedade da língua devemos ensinar a esse estudante?”. Este trabalho tentará esclarecer que variedade deve ser ensinada a estudantes brasileiros durante o processo de ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira.

2. EXTENSÃO E VARIEDADE DO ESPANHOL ATUAL

Como se disse anteriormente, o espanhol é falado como língua materna em uma grande extensão territorial. Segundo MORENO FERNÁNDEZ (2000:17), o número de falantes nativos do espanhol é superior a 350 milhões. Assim, o espanhol é língua oficial em: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, Venezuela e os assentamentos do Saara. Ademais, é falado, como língua não oficial, em outros territórios como Belize, Estados Unidos, Filipinas, Gibraltar e Marrocos.

No entanto, apesar da grande extensão territorial,

6. El dominio hispanohablante presenta un *índice de comunicativdad muy alto* y un *índice de diversidad mínimo o bajo*. La comunicativdad existe cuando una lengua vehicular hace posible la comunicación en una comunidad plurilingüe. La diversidad está relacionada con la probabilidad de encontrar dos hablantes, elegidos al azar, que hablen lenguas diferentes (Fasold). En los territorios en que el español es lengua oficial, el número de hablantes que lo tienen como lengua materna supone una proporción cercana al 95%, frente al 30% de anglohablantes en los territorios de oficialidad del inglés o al 35% de hablantes que tienen el francés como lengua materna en los países que esta lengua es oficial. (MORENO FERNÁNDEZ 2000:16).

Por razões históricas (entre as quais podemos citar o substrato lingüístico e as correntes migratórias no século XIX) e por razões de mudanças lingüísticas internas pertinentes a todas as línguas humanas vivas, o espanhol foi diversificando-se desde o momento em que deixou de ser a língua de Castela. No entanto, a partir do século XX, com a difusão dos meios de comunicação em massa e o início da democratização da escola, os falantes do espanhol passaram a se conhecer cada vez mais, negando, assim, a previsão equivocada de Rufino José Cuervo (Cf. SCHIAVO 1999), no final do século XIX, de que sucederia ao espanhol o mesmo que sucedeu ao latim: devido à sua expansão territorial e conseqüente fragmentação, se converteria em novas línguas. O tempo passou e, como vimos, o espanhol está cada vez mais unificado.

Sendo assim, onde está variedade do espanhol? Em todos os níveis da língua, o espanhol apresenta variação; porém, em uns níveis mais do que em outros. Exporemos, a seguir, sucintamente, alguns tipos de variação encontrados em cada um desses níveis.

2.1. Morfossintaxe

Este é o nível menos afetado. No entanto, podemos citar como variação morfossintática:

a) *Formas de tratamento*: 1) uso de *vos* no lugar de *tú* (e formas verbais e pronominais correspondentes) para a 2ª pessoa do singular informal. Fenômeno estendido por 2/3 da América mas que deixou de ser observado na Espanha entre os séculos XVIII e XIX. 2) uso de *ustedes* para tratamento formal e informal na América enquanto na Espanha se distingue *ustedes* de *vosotros*. (CEVALLOS e WINGEYER 1999);

b) *Contraste entre pretérito perfecto compuesto e pretérito indefinido*. Algumas regiões usam unicamente as formas verbais do *pretérito indefinido* enquanto outras usam as formas verbais dos dois tempos do pretérito, cada uma com um valor temporal diferente;

c) *Uso da preposição hasta com valor restritivo temporal*. No espanhol mexicano, por exemplo, usa-se *hasta* indicando início da ação (CEVALLOS e WINGEYER 1999; LOPE BLANCH 2001). Assim, segundo LOPE BLANCH (2001),

La única discrepancia grave —pues altera el comunicado o significado de la frase— que creo encontrar entre todos los dialectos del español, es la que corresponde al uso mexicano de *hasta* como indicador de límite inicial de la acción, a que antes hice referencia («Trabaja *hasta* las once» = a esa hora apenas comienza). Esta anomalía gramatical es mucho más grave, por fragmentadora, que cualquier diversidad léxica, la cual podría entorpecer la comunicación entre hablantes de dialectos diferentes, pero no alterarla totalmente en su función comunicativa, como sucede en el caso de *hasta*.

d) *Ordem dos constituintes nas interrogativas*. A ordem dos constituintes nas interrogativas é QVS com sujeito pronominal oculto (*¿qué quieres?*). No entanto, LÓPEZ MORALES (1992:137-142) afirma que o espanhol do Caribe faz a interrogativa com a ordem QSV com sujeito pronominal exposto (*¿qué tú quieres?*) para compensar a perda de informações causada pelo apagamento do /-s/ em final de sílaba .

2.2. Fonética/Fonologia

Os aspectos fonético-fonológicos apresentam bastante variação. Entre elas, destacamos:

a) queda ou aspiração de /s/ em final de sílaba;

b) seseo – ceceo – distinção /s/, /è/: na América, não há distinção entre /s/ (grafia *s*) e /è/ (grafias *z*, *c*), pronunciando-as como /s/ (seseo), enquanto na maior parte da Espanha ocorre tal distinção ou então esses fonemas são realizados de forma ceceada /è/;

c) yeísmo: os fonemas /ë/ e /y/ (grafias *ll* e *y* respectivamente) são realizados de uma única maneira. Há variação dentro do próprio yeísmo.

2.3. Léxico

O nível do vocabulário é o que apresenta maior variação. Os lexicógrafos e dialetólogos (LOPE BLANCH 2001) coincidem em que há mais diferença entre os registros populares e cultos de uma mesma cidade que entre normas cultas de diferentes cidades. Assim, LOPE BLANCH (2001) conclui que 95% do vocabulário da Cidade do México coincide com o vocabulário hispânico geral.

TABELA 1: VARIAÇÃO LÉXICA HISPÂNICA

Bogotá	Buenos Aires	Madri	México	San Juan	Santiago
bus	colectivo	autobús	camión, autobús	guagua	micro, bus
interior	bombacha	bragas	calzón	panty	calzones
gafas	anteojos, lentes	gafas	lentes, anteojos	espejuelos	anteojos, lentes
nevera	heladera	nevera, frigorífico	refrigerador	nevera	nevera, frigider
pitillo	pajita	paja, pajita	popote	sorbeto	pajita
pasto	hierba	césped	pasto	grama	hierba
vitrina	vidriera	escaparate	escaparate, vitrina	vitrina	vitrina
bolígrafo, esfero	birome, bolígrafo	bolígrafo	bolígrafo, pluma	bolígrafo, pluma	lápiz pasta

Os exemplos acima mostram a variação léxica, que não ocorre somente quando um significado se manifesta em vários significantes a depender da zona lingüística. Ela também ocorre no caso de um significante possuir vários significados. Por exemplo, *guagua* pode significar ‘ônibus’, ‘criança’, ‘bugiganga’ ou (*de guagua*) ‘de graça’. MORENO DE ALBA (1992) faz um estudo detalhado das diferenças léxicas entre o espanhol da Espanha e da América categorizando-as em todos esses aspectos.

2.4. Zonas lingüísticas

Tendo em vista a variedade lingüística apresentada, pode-se agrupar os diferentes territórios de língua espanhola em zonas lingüísticas, ou seja, em regiões que apresentam características semelhantes. Isso não quer dizer que dentro de uma zona lingüística não exista variação. Aqui, apenas vamos enunciar as zonas lingüísticas que são destacadas com mais frequência. Segundo SEDYCIAS (1999), chegou-se a postular 16 zonas lingüísticas para o espanhol. No entanto, neste trabalho, apresentamos a divisão de MORENO FERNÁNDEZ (2000:35-46) em 8 zonas lingüísticas.

a) Zonas lingüísticas do espanhol da América:

A1. Caribe; A2. México e América Central; A3. Andes; A4. Rio da Prata; A5. Chile.

b) Zonas lingüísticas do espanhol da Espanha:

E1. Região castelhana; E2. Região andaluza; E3. Região canária.

2.5. A diversidade lingüística nos materiais didáticos

BUGEL (1999) e SILVA (2003) analisam materiais (nacionais e estrangeiros) de espanhol para brasileiros e mostram que, apesar dos esforços, a diversidade lingüística não é bem contemplada. Pela análise dos referidos autores e pela tradição do ensino de línguas estrangeiras, tende-se a valorizar mais a estrutura da língua que a sua função comunicativa. Ou seja, mesmo com a ênfase na competência comunicativa após os anos 70, os manuais ignoram a pragmática e conseqüentemente a variedade lingüística.

Alguns materiais abordam a variedade do espanhol como algo exótico. E isso pode ser observado tanto nos materiais brasileiros como nos espanhóis. Os materiais brasileiros elegem um tipo de espanhol supostamente neutro (na verdade, a variedade de Castela¹) e os materiais espanhóis são elaborados de acordo com a sua variedade; assim, o espanhol da América e sua cultura são colocados como observações (“extras”) exclusivamente no livro do professor.

Se a preocupação das editoras é com a difusão da língua espanhola na sua diversidade, fica patente que muito falta aos materiais atuais para alcançarem os objetivos propostos.

¹ A partir daqui, mesmo sabendo que existe variedade lingüística na Espanha como indicado em 2.4, a modo de simplificação, usaremos *variedade espanhola* para aludir à variedade castelhana, ou seja, à variedade de mais prestígio dentro da Espanha.

3. O ENSINO/APRENDIZAGEM

3.1. Para que quer um brasileiro aprender espanhol?

Os brasileiros, por estarem cercados de países que falam espanhol, possuem um grande leque de opções pelas quais querem aprender espanhol. Algumas delas são: turismo, estudo, trabalho, enriquecimento cultural, relações pessoais etc.

Todas essas opções irão influenciar na variedade que o aluno deverá (ou quererá) aprender. Um aluno que trabalhe numa multinacional que negocia constantemente com empresas do MERCOSUL terá que aprender a língua como é falada no MERCOSUL. Um aluno que namora uma moça espanhola terá que aprender a língua como é falada na Espanha.

Há diversidade de motivos pelos quais o brasileiro (ou qualquer outra pessoa) quererá/necessitará aprender uma língua estrangeira. E o objetivo do aluno ao iniciar um curso não pode ser desconsiderado pelo professor pois seu papel *es dialogante, de mediador, de orientador y facilitador de recursos y procesos* (RUIZ 2004).

3.2. O papel do professor

O professor desempenha um papel fundamental, porque é ele quem deve orientar o aluno, fazendo-o de acordo com suas necessidades específicas; assim, *el trabajo en la enseñanza/aprendizaje de una LE no puede estar previamente establecido sino que debe ser fruto del consenso, de las necesidades de comunicación de los aprendientes* (RUIZ 2004).

O professor de espanhol deve dominar a língua suficientemente para lidar com a diversidade de interesses dos alunos. Em muitos casos (para não dizer todos), as turmas de língua estrangeira são heterogêneas; ou seja, há, numa turma com 15 alunos, por exemplo, pessoas com interesses muito diferentes, como mencionamos anteriormente.

Para isso, o professor não pode se basear no senso comum e estar impregnado de preconceitos. IRALA (2004), ao investigar a variedade de espanhol que é adotada por professores de uma cidade na fronteira, no Rio Grande do Sul, constatou que muitos dos professores são deficientes em sua formação lingüística e se baseiam no senso comum. Algumas das respostas obtidas, ao pesquisar que variedade lingüística é preferida pelos professores são as seguintes (os grifos são da autora):

- 1) Espanhol da Espanha, porque é uma *língua melhor* de ser trabalhada com o aluno.
- 2) Prefiro o Espanhol da Espanha. acho mais claro e *muito mais bonito*.
- 3) Da Espanha, porque é mais *clássico*.
- 4) Prefiro o Espanhol da Espanha, porque é o mais *puro*, pois é a *língua-mãe*. O Espanhol da América já teve muitas influências de outros povos e costumes.
- 5) Da Espanha, porque além de ter aprendido assim, penso que é *mais sonoro*.
- 6) Nos *livros didáticos* vem o Espanhol da Espanha, mas vivendo nós na fronteira com o Uruguai, não podemos ignorar este fato. Devemos apresentar aos nossos alunos as pronúncias dos *dois idiomas* e principalmente os modismos.
- 7) Da Espanha. Porque é o *único* que aprendi até agora.
- 8) Para trabalhar com as crianças, o da América, porque faz parte da *realidade* deles.
- 9) Da Espanha, porque é o mais divulgado nos *meios de comunicação* em geral.
- 10) América, pois são essas as pessoas que circulam pela nossa cidade e com elas é que podemos por em *prática* os conhecimentos de sala de aula. (IRALA 2004:109-110)

Retomando a idéia de que *el papel del profesor es dialogante, de mediador, de orientador y facilitador de recursos y procesos* (RUIZ 2004), devemos destacar que o professor não deve ensinar a estrutura da língua de maneira desconexa da realidade. O professor que adota enfoques comunicativos deve trabalhar a língua de maneira contextualizada e, por isso, deve estar atento à pragmática. GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ (2001) diz que:

5.3.3. Violaciones. Todas las máximas conocen violaciones que provocan situaciones ridículas, embarazosas e incluso tensas. Las infracciones del Principio de Cortesía («Sé cortés») no pertenecen a la competencia lingüística. No afectan al código de la lengua, pero algunas se halla muy cerca. Una expresión como: «—Vale, tronco» dirigida a un rector de universidad en un claustro, se halla muy cerca de una inconveniencia lingüística. Tutear a un obispo en una recepción oficial, equivocarnos de tratamiento a un general, o a cualquier otra dignidad, implica desconocer normas de conducta lingüística muy próximas al código. El hablante que comete errores en la deixis de cortesía puede encontrarse con serios correctivos. Se cuenta la anécdota de un gobernador que le preguntaba a una reina por sus hijos. La respuesta fue cortante:

—Los hijos de los reyes se llaman infantes.

Las violaciones del Principio de Cortesía pueden tener repercusiones tan graves que pueden ser responsables de la ruptura del canal comunicativo y de las relaciones interpersonales. Existen grados de descortesía: no se halla en un mismo punto de la escala un insulto grave que el olvido de dar las gracias a un camarero.

O professor deve estar atento não só à estrutura gramatical do espanhol. Mas também a como os falantes usam a língua e às normas sócio-culturais e pragmáticas existentes. Dizer *coger* na Espanha, não é o mesmo que dizer *coger* na América. Ademais, o professor deve estar atento a formas que não são usadas em determinadas regiões mas são usadas em outras tendo em vista que o aluno pode estar em contato com pessoas de realidades diferentes.

4. ESPAÑOL ESTÁNDAR

LOPE BLANCH (2001) propõe uma *norma lingüística hispánica*. Assim como ele, MORENO FERNÁNDEZ (2000:63-75) afirma que os falantes buscam um modelo de língua que seja ideal, ou seja, *la abstracción y simplificación de una lengua realizada con el fin de convertirla en ejemplar. Ese modelo puede ser creado artificialmente o puede ser seleccionado entre las posibilidades que la realidad ofrece* (MORENO FERNÁNDEZ 2000:64).

LOPE BLANCH (2001) diz que

Es evidente que en cada país hispanohablante existe una norma lingüística ejemplar, paradigmática, a la que los habitantes de cada nación tratan de aproximarse cuando de hablar bien se trata. Suele ella ser la norma culta de la ciudad capital: la madrileña para España, la bogotana para Colombia, la limeña para el Perú, etc. Éstas serían las normas ideales, o ejemplares, nacionales: española, colombiana, etc. Pero ¿existirá también una norma ideal *internacional* —española y americana—, una norma hispánica? Creo que sí: será ella la norma ideal de la *lengua española*, no ya la norma ideal del *dialecto* castellano, o del *dialecto* colombiano o del *dialecto* argentino, etc. Será ella la norma que reúna y compendie los hechos lingüísticos propios y comunes de todas las normas cultas nacionales. Norma *ideal*, por cuanto que no será la norma *real* de ninguna de las hablas hispánicas.

Sendo assim, os critérios que LOPE BLANCH (2001) usa para incluir ou excluir algum aspecto é o fato de ser usado pela maioria dos falantes. No entanto, cria exceções em benefício da variedade espanhola, justificando-as pela tradição. SOUZA (2003) critica a posição de LOPE BLANCH (2001) e, nesse ponto, concordamos com a crítica: se a proposta é a criação de uma *norma hispánica*, só deve ser incluído o que realmente é genérico. Por exemplo, ao contrário da proposta de LOPE BLANCH (2001), não incluiríamos o *vosotros*, o *leísmo* e o *ceceo*, e não excluiríamos o *voseo* da norma genérica, porque este é usado na maior parte da América e aqueles são exclusivos da Espanha (variedade do norte).

5. CONCLUSÃO

O que vimos mostrando até agora é que o espanhol apresenta uma grande diversidade lingüística e que o professor deve ter critérios na hora de ensiná-lo.

MORENO FERNÁNDEZ (2000:76-86) questiona *¿ESPAÑOL DE ALMODÓVAR? - ¿ESPAÑOL DE MI TIERRA? - ¿ESPAÑOL DE DISNEYLANDIA?* (sic). Cabe ao professor escolher qual é a mais adequada para o uso com seus alunos: a) espanhol da Espanha; b) espanhol que aprendeu, seja nativo ou não; c) espanhol neutro.

No entanto, todas as três opções geram problemas na hora do ensino-aprendizagem²:

- 1) Escolher o espanhol da Espanha como modelo de ensino de língua gera problemas lingüísticos e políticos. Do ponto de vista lingüístico, o espanhol é um *diassistema*, ou seja, um sistema abstrato com vários subsistemas concretos internos. Assim, a norma lingüística (ou variedade) espanhola não é a variedade padrão e as demais são suas variações; em outras palavras: a variedade espanhola é tanto variedade como as demais variedades americanas. Do ponto de vista político, temos várias implicações; por exemplo: a) a maior parte dos falantes de espanhol está fora da Espanha; b) As demais nações hispano-americanas são independentes há mais de um século e todas possuem suas Academias da língua, que trabalham em parceria. Adotar o espanhol europeu como padrão, com base nos argumentos obtidos em IRALA (2004), contradiz todo o trabalho em conjunto das Academias da língua.
- 2) Adotar o espanhol “de mi tierra” ou que aprendemos é problemático porque o aluno é forçado a aprender aquilo que o professor sabe. E, como vimos, as aulas devem ser programadas de acordo com as necessidades dos alunos, que podem divergir da realidade do professor.
- 3) O espanhol neutro é condenado (cf. DRAGO 2006) porque, como dizem LOPE (2001) e MORENO FERNÁNDEZ (2000), não existe: é uma abstração da realidade.

² Na nossa abordagem, o processo de ensino-aprendizagem se dá em um país estrangeiro; por exemplo, o ensino de espanhol no Brasil. No entanto, se o ensino de espanhol fosse em uma das nações que o tem como língua materna, a variedade lingüística adotada deveria ser a variedade da referida região, porque os aprendizes já estão imersos em sua realidade.

Assim, qual seria, então, o espanhol que se deveria ensinar? Segundo DRAGO (2006), *se ha planteado que se debería tener espacio en las escuelas para enseñar y apreciar todas las variedades relevantes, pero no parece que ello sea posible, aunque la intención sea magnífica.*

Acreditamos que, independentemente da variedade adotada, o professor deverá ser consciente de que essa não é a única opção existente e que seus alunos têm liberdade de escolha e necessidades específicas, principalmente quando estão em níveis avançados. O professor pode e deve adotar a variedade que mais lhe agrade ou com que mais se identifique —no caso de ser nativo, *español de mi tierra*—. No entanto, tem a obrigação de respeitar a diversidade lingüística.

REFERÊNCIAS

- BUGEL, Talia. 1999. "O espanhol na cidade de São Paulo: Quem ensina qual variante a quem?". *Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada* nº 33, IEL, Unicamp. p. 71-86.
- CEVALLOS, Nina M.; WINGEYER, Hugo R.. 1999. *Análisis para una propuesta didáctica de aspectos lingüísticos del español de Hispanoamérica*. Actas del X Congreso Internacional de ASELE. Cádiz.
- DRAGO, Tito. 2006. *Variedad y sin español neutro*. Disponível em: http://www.unidadenladiversidad.com/actualidad/actualidad_200206_03.htm
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. 2001. *Perfiles y dimensiones en el concepto de norma (las otras normas)*. Valladolid: II Congreso Internacional de la Lengua Española. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/>.
- IRALA, Valesca Brasil. 2004. "A opção da variedade de Espanhol por professores em serviço e pré-serviço". *Linguagem & ensino*. v7. nº II. Pelotas: Educat. p. 99-120.
- LOPE BLANCH, Juan M. 2001. *La norma lingüística hispánica*. Valladolid: II Congreso Internacional de la Lengua Española. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/>
- LÓPEZ MORALES, Humberto. 1992. *El español del Caribe*. Madrid: Mapfre.
- MORENO DE ALBA, J. G. 1992. *Diferencias léxicas entre España y América*. Madrid: Mapfre.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. 2000. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros.
- RUIZ, Pedro Guerrero. 2004. *El español como lengua extranjera: hacia una Pedagogía de la Interculturalidad*. Disponível em: http://www.unidadenladiversidad.com/opinion/opinion_ant/2004/octubre_2004/opinion_141004.htm
- SCHIAVO, Leda. 1999. "El modernismo y la mirada circular". *Identidade e Globalização*. Corredor de las ideas, II, Porto Alegre.
- SEDYCIAS, João. 1999. "Zonas lingüísticas americanas". Disponível em <http://home.yawl.com.br/hp/sedycias/historia14.htm>.
- SILVA, Odair L. da. 2003. "Variación lingüística del español en el currículo lengua extranjera (aproximación a algunos manuales de español para aprendices brasileños)". In.____: *A diversidade léxica da língua espanhola: descrição e análise*. Dissert. maestr.. Araraquara: Unesp.
- SOUZA, Jair de Oliveira. 2003. *La norma ideal genérica, base para la enseñanza del español*. Disponível em: http://www.unidadenladiversidad.com/opinion/opinion_ant/2003/noviembre_2003/opinion_261103.htm.